



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

**O CARÁTER INSÓLITO DA FICCIONALIZAÇÃO DA REALIDADE HISTÓRICA
EM A MENINA MORTA, DE CORNÉLIO PENNA**

Franklin Farias Morais*
(UESB)

Pedro Ramos Dolabela Chagas**
(UESB)

RESUMO:

A proposta é estudar detidamente *A Menina Morta*, de Cornélio Penna – último romance do escritor, lançado na década de 50 do século XX e considerado sua obra principal, embora ainda não suficientemente estudada. Deter-nos-emos na questão da dinâmica de poder da casa-grande, analisando o caráter insólito da ficcionalização da realidade histórica em *A Menina Morta*. “Insólito” aqui designa aquilo que é incomum, infrequente ou anormal, tendo em vista que Cornélio Penna aborda a escravidão sob uma perspectiva da casa-grande, deixando em segundo plano os elementos concernentes à escravidão em si. A pesquisa, portanto, tenta mostrar os efeitos dessa escolha na construção do romance e na ativação do imaginário do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: *A Menina Morta*, Cornélio Penna, Escravidão.

* Aluno do curso de Letras Vernáculas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, vinculado ao grupo de pesquisa “A presença do ‘senso comum’ político no conceito moderno de arte e literatura”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas. E-mail: frankfmorais@hotmail.com

** Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: dolabelachagas@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Cornélio Penna e o sistema literário brasileiro

A noção de sistema formulada por Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*, consiste em um encadeamento de “obras ligadas por denominadores comuns”, propiciando assim a formação de uma continuidade literária, de uma tradição constituída. A partir dessa perspectiva, como não relegar ao esquecimento os autores que, a despeito de sua qualidade estética, subvertem através de sua obra a produção literária do seu tempo e, por conseguinte, a estabilidade deste sistema? Ou de forma mais grave: como não o ignorarmos quando sua obra perverte a herança de um passado nacional? O ato de ignorar, de “esquecer”, que aqui empregamos, provém do ofício do crítico. E o agir assim se faz de forma inevitável para se “constatar” um sistema estável, afinal “a construção de uma história literária, como a de uma árvore genealógica, se faz com o ocultamento das diferenças e descontinuidades” (SUSSEKIND, 1984, p. 53). Isso quer dizer que em um livro crítico de articulação histórica as obras não aparecem apenas pelo valor estético – embora o seja, também, em certa medida -, nem sequer destituídas de características circunstanciais, mas primeiramente “aparecem, por força da perspectiva escolhida, integrando em dado momento um sistema articulado, (...) formando, no tempo, uma tradição” (CANDIDO, 1997, p. 24).

Como consequência à escolha de alguns críticos em pensar a produção literária a partir da orientação histórica, que pressupõe uma lógica interna que a faça parecer plausível, se faz por vezes inevitável “esquecer” alguns autores que porventura possam comprometer a validade desta metodologia. Assim, despontam duas possibilidades para eles: ou são “esquecidos” ou busca-se adaptá-los à lógica

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da literatura da qual se busca acomodar o autor. Não se quer aqui, todavia, cruciar a perspectiva historicista, entendendo (como Candido) a crítica como equilíbrio de forças: nem aderindo ao “preconceito do divórcio entre história e estética” (CANDIDO, 1997, p. 29) nem incorrendo no pretense purismo da análise formalista.

Cornélio Penna, autor brasileiro cuja obra se situa predominantemente na primeira metade do século XX, também ilustra bem o caso de escritores que à revelia da corrente estética de seu tempo “sempre navegava contra a corrente” (LIMA, 2005, p. 12). Assim sendo, Penna não escrevia sob a tutela do realismo de tradição documentalista que orienta a produção literária no Brasil a partir da década de 30 do século passado. Não privilegia, portanto, a observação, a objetividade, nem sequer propõe estreitamente entre ficção e ciência como supõe a produção ficcional naturalista de viés econômico de meados da primeira metade do século XX. Dessa forma, não endossa o projeto de definição de uma identidade nacional una, sem fraturas, que se esboça desde o século XIX com os românticos. Antes, Cornélio Penna trazia um subjetivismo que beirava às raias do fantástico, como comenta Fausto Cunha.

Nesse sentido é que nos propomos a investigar *A Menina Morta*, obra em que o autor, a despeito de ser escrita em uma época cuja voga do romance brasileiro ainda consistia em mostrar a realidade tal qual esta se apresentasse, embora essa tendência já perdesse um pouco de sua força, promove através de um recuo no tempo uma abordagem sobre a escravidão desconforme com a tradição historicista a partir da qual uma obra de cunho realista se embasaria.

O realismo partia de um ficcional domesticado pela história, e nossa história não aceitaria este quadro [com relação ao *A Menina Morta*]. (...) Cornélio Penna oferecia um contramito ao mito, criado por Gilberto Freyre, da confraternização entre as raças. Os dois autores então oferecem, respectivamente, a imagem que



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

repudiamos e a que adotamos quanto a nosso passado (LIMA, 2005, p. 15-16).

É a partir daí que pensamos que “a identidade nacional é distorcida a tal ponto que a imagem torna-se irreconhecível, contribuindo para o travamento da configuração nacional” (SANTOS, 2005, p. 140). Nessa perspectiva, os elementos que compõem a narrativa estariam operando na perversão de um passado nacional que a história nos legara. Além disso, o romancista parece ir além. Expliquemo-nos por que: embora a trama seja gerada a partir da temática da monocultura escravocrata do século XIX, o romancista parece privilegiar questões concernentes às relações interpessoais travadas na casa-grande, a rigor não necessariamente relacionadas com a escravidão. Isso porque, no romance, o regime escravocrata curiosamente se mostra com maior veemência sob a casa-grande, ao invés da senzala.

Talvez a desconformidade da produção corneliana explique a pouca atenção dada a sua obra nas histórias literárias e na crítica em geral. Além disso, o autor foi pouquíssimo lido: tanto por frustrar a expectativa documentalista do leitor de sua época – como indica Luiz Costa Lima, em “O Romance em Cornélio Penna” -, quanto pelas poucas edições das obras de Penna no Brasil, no que se refere aos leitores mais jovens. Contudo, o esquecimento não foi geral: Luiz Costa Lima rompe-o de maneira mais abrupta ao publicar, em 1976, *A Perversão do Trapezista*, livro que dedica integralmente à análise dos romances de Cornélio. Em sua segunda edição, este livro passa a se chamar “O Romance em Cornélio Penna”, conforme citamos. Firmando-se como o crítico mais atento à obra de Penna, Costa Lima publica em 1989, em “A Aguarrás do Tempo”, um capítulo em que trata especificamente de *A Menina Morta*, onde investiga o patriarcado no romance.

Alfredo Bosi, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, e Antonio Candido e J. Aderaldo Castello, em *Presença da Literatura Brasileira*, também

dedicam algum espaço em seus livros às obras do romancista carioca. O primeiro ressaltará o percurso inverso de cunho parabólico que Penna percorrerá, nos seus primeiros três romances: “primeiro, a conquista de um ambiente supra-real; depois, a recuperação de uma ambiência histórica” (BOSI, 1994, p. 416). Comenta também sobre o efeito de mistério em *A Menina Morta*, além de apontar coesão e verossimilhança com relação à estrutura desse romance. Já Candido e Castello dedicam-se a ressaltar somente características do último romance de Penna, *A Menina Morta*, propondo uma divisão no romance em duas partes. A primeira concernente à devoção dos agregados e escravos à menina morta - “símbolo de poder unificador e punitivo” (CANDIDO; CASTELLO, 1964, p. 327) -, que se situava como elo de coesão entre os habitantes da fazenda. A segunda parte, para os autores, concerne ao modo pelo qual a trama se enreda sem que a menina morta atue como ocorrera no que eles postulam como primeira parte. Além disso, faz-se importante indicar, acerca da fortuna crítica de Cornélio Penna, a dissertação de mestrado, de Wander Melo Miranda, cujo título é “A Insuportável Comédia”.

O enredo de *A Menina Morta*

A fazenda onde se passa a narrativa chama-se “Grotão” e se localiza no Vale do Paraíba. A ação se dá, segundo Luiz Costa Lima, entre 1867 e 1871. O crítico infere essa informação a partir de dados que o romance propicia, tais como: conclusão da estrada de ferro de D. Pedro II (que faz parte do percurso que alguns personagens percorrem com o fim de ir à corte), surto de doenças como a febre amarela, leis acerca da escravatura etc. A monocultura cafeeira de viés escravocrata proporciona respectivamente luxo e amparo aos senhores e agregados que com o casal dividem a casa-grande, já que a ação do romance já se inicia com a morte da filha mais nova, “a menina morta”, cuja causa não nos é

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

desvendada, o que já nos mostra desde o início o clima de mistério que perpassa a obra. Acentuando a atmosfera enigmática do livro, cabe ressaltar que as personagens só se referem à criança falecida com a expressão que cunha o título do livro. Também não nos é revelado o nome do patriarca da família, sempre referido pelo título: Comendador. O nome da sua reclusa esposa, por outro lado, sim: chama-se Mariana.

Dos quatro filhos do casal, somente Carlota retorna da Corte após a morte de sua irmã mais nova, e o faz por ordem do seu pai cujo fim é o de substituir a função que a “menina morta” cumpriu, sendo elo agregador da casa, aproximando as realidades da casa-grande e da senzala. O curioso é que a criança tinha o hábito de “pedir negra”, expressão que significa, no romance, açoiá-los. Dos outros dois filhos do casal do Grotão, que vão à corte com o fim de estudar, um retorna à fazenda de modo bem circunstancial, retornando logo em seguida, e o outro morre por conta de uma doença. Mesmo fim do Comendador que, após um período de viagem à corte, não retorna. Nesse ínterim, porém, se corresponde com Carlota através de cartas e mensageiros. Já Mariana foge sem maiores explicações, endossando a aparência de “narrativa do pesadelo, da qual, depois de fugirem as personagens, foge o próprio leitor” (LIMA, 1989, p. 241).

À Carlota então fica a incumbência de reger a poderosa fazenda. Porém, ela o faz por vias contrárias: alforria todos os escravos. A perplexidade e o pavor tomam conta deles de modo que o romance parece adquirir caráter avesso ao que nos é concebível como escravidão. É nesta cena que se percebe, como nos diz Costa Lima, a “vocação do fantástico” ensaiada nos três primeiros romances do autor. É pois no “pânico que se apossa dos libertados” onde Cornélio Penna mais transgride a est tica romanesca de sua época: “nenhum romance realista se atreveria a este passo. O realismo partia de um ficcional domesticado pela história, e nossa história não aceitaria este quadro” (LIMA, 2005, p. 17-18).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Em linhas gerais, acrescenta-se ao número de personagens do romance as mucamas e escravas que serviram de amas de leite dos filhos dos senhores e as agregadas que compõem o corpo estrito da casa-grande. Assim, se Cornélio Penna por um lado lega à ordem escravocrata papel secundário no romance, acentuando dissonâncias com relação à herança de fundação nacional a nós transmitida, por outro lado ele constrói a casa-grande com impecável verossimilhança – ao menos do ponto de vista “estrutural”. Nessa perspectiva, “se a escravidão é proposta de forma diversa, a família se constitui se de forma semelhante” (SANTOS, 1995, p. 138).

O avesso em A Menina Morta

A Menina Morta parece ser a obra em que o autor mais adere a uma forma inovadora: não só por ignorar a estética realista, mas, sobretudo por violar a herança de um passado nacional. Cornélio Penna aborda a temática da escravidão a partir da perspectiva branca. No romance, o autor opera uma fratura no que diz respeito à memória do tema da escravidão. A casa-grande desponta pelo avesso: é dela que surgem os rompimentos, as dissoluções súbitas sem aparente explicação, a interdição verbal que torna tortuosa a comunicação entre os moradores, as pequenas misérias de um cotidiano enfadonho por sobre os umbrais e colunas imponentes da casa. A partir dessas afirmações, parece tornar-se legítimo o pensamento de Carlota – a filha que retorna da corte com o fim de “substituir” a função que a menina morta legara:

(Carlota) teve vontade de ir até lá, de tomar parte naquela vida intensa e robusta, a troar os ares com seu rumor numeroso, teve ímpetos de arrancar os sapatos de cetim, calçados descuidadamente, (...) e fugir para sempre daquela casa onde vivia



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

confinada a respirar o ar coado pelas cortinas, sempre se movendo e sendo examinada por olhares hostis (PENNA, 1970, p. 301).

O “lá” a que o narrador se refere, portanto, é o para além da casa, mais especificamente para o campo de trabalho do escravo. Soa-nos estranho esta vontade da personagem por não pactuar com o ideal de família de modelo patriarcal de regime escravocrata a nós transmitido pela história “oficial”, não obstante a “aversão ante a escravidão” que Luiz Costa Lima propõe acerca de Carlota, em “A Aguarrás do Tempo” (1989). Não parece normal subsistir no imaginário do leitor brasileiro que é reportado a meados da segunda metade do século XIX a ideia de que a filha herdeira de um latifúndio escravocrata tenha ímpetos de fugir, por não se sentir bem na casa-grande, especificamente à área de trabalho dos negros, a fazer parte da vida deles – e aí talvez resida somente um dos motivos que tornam A Menina Morta diferente ante a literatura do seu tempo e, em última análise, à herança do passado nacional. Nessa perspectiva,

Cornélio Penna não só estaria problematizando a **pretensa unidade** que nos constituiria como nação, mas assinalando a permanência de um conflito não sanado na origem e que, sob a forma de um fantasma desagregador, continua a nos assombrar e a nos manter exilados no passado, como num pesadelo que parece não ter fim (MIRANDA, 1997, p.482, grifo nosso).

O romance então nos mostra uma dupla e recíproca questão: a atipicidade na construção patriarcal da casa-grande colocaria em xeque o ideal de unidade nacional que povoara o mundo das idéias no Brasil. Como “num país como o Brasil ‘fazer literatura’ implicaria necessariamente ‘fazer um pouco da nação’” (SUSSEKIND, 1884, p. 95), Cornélio Penna suscitaria um dissenso na historiografia literária: ao invés de endossar a “pretensa unidade que nos constituiria como nação”, ele a fratura.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Além disso, realçam-se ao caráter demasiado nebuloso e denso da casa-grande em *A Menina Morta* os modos de interdição que a narrativa mobiliza. As “interdições, seja em sua forma escrita seja em sua forma oral, é a regra de ser na fazenda” (LIMA, 1989, p. 260). Assim, parece que a narrativa nunca consegue chegar a um clímax, embora “o tente”, digamos assim. Não é à toa, portanto, que os comentários mais apressados acerca dos textos de Cornélio é de que são misteriosos e enigmáticos, porquanto fundem uma espécie de “romance psicológico brasileiro”, supostamente parte da segunda fase do modernismo brasileiro, conforme nos sugere o prof. Alfredo Bosi.

Os modos de interdição que “são regra de ser na fazenda” derivam da ordem patriarcal estabelecida. Porém, os efeitos da relação “modos de interdição e ordem patriarcal” não são de todo previsíveis. Daí parece decorrer a peculiaridade de *A Menina Morta*. Nessa perspectiva, a força de interdição que se impõe sob a casa-grande parece ser mais relevante para a construção do romance do que o caráter de ignomínia e perversidade da escravidão. Embora toda a fundamentação do enredo esteja alicerçada por elementos concernentes à escravidão, esta não adquire relevo no romance de modo a ser o eixo central da obra. Em outras palavras, o ponto de vista do narrador não aborda predominantemente as mazelas da escravidão, mas antes a penúria espiritual dos moradores da casa-grande, tanto que só há uma passagem em que se mostre explicitamente o flagelo causado pela escravidão, trata-se de uma insurreição fracassada – localizada no capítulo XVI - de um grupo de escravas lavadeiras. Após uma pequena perseguição, os feitores as levam para o ambiente de tortura. Reportemo-nos à cena que se inicia com os gritos do feitor que as encontra:

- Voltem já e já!

[...] Em poucos momentos estavam de volta e foram conduzidas para a sala dos fundos, bem longe da residência, onde se viam



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

instrumentos de ferro enferrujado espalhados por tôda a parte, ao lado das grades peças de madeira carcomida jogadas ao acaso no chão duro e cortadas de forma estranha e sinistra. Das paredes mal caiadas onde se distinguiam em tôda a volta, até a altura do homem, manchas escuras que formavam desenhos inexplicáveis com grandes borrifos espalhados em direções diversas, como se tivessem sido atirados com violência, pendiam muito seguros em grandes cunhas de pau, argolões de também de ferro, brilhantes pelo uso, e algumas correntes de elos gastos e desenroladas até o solo...

[...] As portas já haviam sido fechadas e dentro em pouco gritos selvagens, ulos e súplicas gaguejadas, vieram lá de dentro mas perderam-se no terreiro imenso, e eram logo abafadas por ameaças ditas em tom surdo para que os ecos não chegassem até a residência (PENNA, 1970, p. 65)

Dada estas situações, pensamos a partir da proposição de Costa Lima em que *A Menina Morta* “contém uma configuração concreto-imaginária de seu país absolutamente desconforme com tudo que se pensa sobre o passado nacional” (LIMA, 2005, p. 15) e é a partir desta proposição-chave que, neste artigo, buscamos encerrar nossas hipóteses.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Cornélio Pena. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987. pp. 469-472.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1977. v. 3.
- CUNHA, Fausto. **Situações da Ficção Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LIMA, Luiz Costa. **O Romance em Cornélio Penna**. 2. ed. rev. e mod. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

LIMA, Luiz Costa. Sob as trevas da melancolia: o patriarcado em A menina morta. In: LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 239-284.

MIRANDA, Wander Melo. Posfácio. In: PENNA, Cornélio. **A menina morta**. Rio de Janeiro: Artium, 1997. p. 472-482.

PENNA, Cornélio. **A Menina Morta**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Jose Olympio, 1970.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. A Nação Irrealizável em Cornélio Penna. In: **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 9, p. 135-142, dez. 2005.

SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, Qual Romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.